



## **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**FERREIRA, Bruna Lima <sup>1</sup>; BERNARDES, keila Thaysa <sup>2</sup>; Oliveira, Flavia Aparecida de <sup>3</sup>; AMARAL, Marco Antônio Franco do <sup>4</sup>**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos  
E-mail do autor: [brunacativa@gmail.com](mailto:brunacativa@gmail.com); [flavia.nicolylfelly@gmail.com](mailto:flavia.nicolylfelly@gmail.com);  
[keilathaysapnn@gmail.com](mailto:keilathaysapnn@gmail.com); [marco.amaral@ifgoiano.edu.br](mailto:marco.amaral@ifgoiano.edu.br)**

### **1. Introdução**

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil acompanha o próprio desenvolvimento da educação que, por sua vez, está relacionada aos modelos econômicos e políticos, teóricos vigentes no Brasil. Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, e foi um educador fundamental na transformação da EJA no Brasil. Seus estudos e sua atuação eram voltados para a população mais oprimida socialmente. Freire defendia a ideia de que o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutem o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implicitamente ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 2017, p. 120).

O presente trabalho consiste na realização de um paralelo entre o livro Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, buscando incorporar seus estudos as nuances da educação de jovens e adultos (EJA) e assim, compreender o processo de ensino-aprendizagem na mesma. Nesse sentido, iremos nos fundamentar no conceito de educação libertadora defendido por Freire, ao longo de sua obra, e reconhecer o papel fundamental do educando como sujeito autônomo do conhecimento. Iremos, sobretudo, compreender o significado da escolarização para os alunos da educação de jovens e adultos e nos convidar a refletir sobre a necessidade de se criar políticas educacionais que rompam com os estigmas e os preconceitos atrelados a suposta lacuna cultural, retomando a estudos com um olhar voltado para essa população de adultos analfabetos e sua história de vida.



## 2. Metodologia

Metodologicamente, conforme seus objetivos, este trabalho consiste numa pesquisa exploratória que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto a ser investigado, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se classifica como bibliográfica e, conforme Prodanov e Freitas (2013), é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

Nesse sentido, o presente trabalho toma como base bibliográfica, a 63ª edição, do livro “Pedagogia do Oprimido”, publicada pela editora Paz e Terra, em 2017. E assim, busca desenvolver uma reflexão sistemática e crítica do conceito de educação libertadora apresentado por Freire, associando-o a compreensão do significado da escolarização para os alunos da educação de jovens e adultos.

## 3. Desenvolvimento e resultados

### 3.1 Concepção de Educação Libertadora

A obra Pedagogia do Oprimido apresenta uma interessante discussão sistemática e crítica sobre a educação, partindo de duas perspectivas, a do oprimido e a do opressor. Assim, por intermédio desta análise, trabalharemos a perspectiva de educação libertadora associada à realidade histórica dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sujeitos, que retomam seus estudos já na vida adulta, e diante do processo de crença e reconhecimento da própria opressão, buscam superar, enquanto homens de vocação, suas próprias dificuldades.

Freire prescreve um trabalho educativo que respeita o diálogo e a união indissociável entre ação e reflexão (*práxis*). Ou seja, um trabalho que ao priorizar a

*práxis*, não se funde no ativismo (ação sem reflexão) ou na sloganização (reflexão sem ação) e, muito menos, numa concepção de homem como “ser insignificante”.

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (FREIRE, 2017, p.73).

Ao voltar para sala de aula, o sujeito da EJA, que se constitui de um certo grau de vulnerabilidade, muitas vezes, encontra-se preso a uma lacuna cultural, advinda de anos longe da escola e uma situação socioeconômica que lhe dá pouco tempo para se dedicar aos estudos, em sua maioria no período noturno, quando o aluno chega a sala de aula cansado devido a uma longa jornada de trabalho diário. Reconhecendo isso, é bastante encorajadora a proposta de educação libertadora na escolarização de jovens e adultos, propondo e motivando o retorno de milhares de indivíduos a escola, complementando seus estudos, e também, almejando novos caminhos, rumo a qualificação profissional e a autonomia do conhecimento.

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentir, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 2017, p. 107).

Freire (2017) afirma que não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação.

Nesse sentido, o papel principal do professor é mostrar ao aluno da EJA que ele não é um “ser insignificante”, limitado pela idade ou condição socioeconômica, e sim, a partir da projeção de sua realidade cultural, abrir novos caminhos que estabeleçam relações entre o saber escolar e o saber do aluno. “Para isto, contudo, é preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também” (FREIRE, 2017, p. 73).

### 3.2 Concepção “Bancária” da Educação

Freire conceitua e critica o modelo de “educação bancária” e posiciona-se na busca de alternativas que substituam tal modelo de educação que parece não existir. A educação bancária se fundamenta na relação educador-educando em que o educador é percebido como o detentor do conhecimento e da verdade absoluta, e o educando um receptor passivo e dócil do conhecimento.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. (FREIRE, 2017, p. 79-80).

A partir de então contextualizamos a EJA, como formadora de sujeitos constituídos de histórias diversas, mas que, ao adentrar os portões da escola, isso não parece fazer diferença. Geralmente, o que o educador tem para oferecer e realmente deseja não passa de conteúdos vazios e desconectados da realidade do aluno. Muitas vezes, os alunos são tratados como crianças, alienados a uma realidade que não é a sua e submetidos a uma aprendizagem mecânica, com conteúdos pouco significativos. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. (FREIRE, 2017, p. 80).

Neste sentido nos questionamos: se o aluno é um mero depósito de conhecimento, pode-se limitar o que é depositado, bem como, o excesso e a qualidade do mesmo? Para Freire, sim. Na sociedade de opressores e oprimidos, isso não seria um problema. Já que o foco do opressor é diminuir e manipular o oprimido, estes que se tornam reféns daqueles que os veem como seres alienados, sem opinião e sem poder de voz.

Quando um aluno chega à EJA, já traz consigo uma bagagem de pré-conceitos sociais. Ele mesmo se vê como um indivíduo incapaz, responsável por todo o seu fracasso escolar na infância e, conseqüentemente na vida adulta. Suas experiências de vida não possuem valor, o que conta para a sociedade opressora é o quanto o aluno é.

### 3.3 Dialogicidade como prática da liberdade

Agora, adentramos ao conteúdo do diálogo que se pronuncia entre educador e educando, pressupondo uma relação dialógica e problematizadora que se organiza, sistematicamente, em torno da *práxis*, que a partir de uma atividade prático-crítica estabelece o conteúdo programático de uma verdadeira educação transformadora do mundo.

Para Freire (2017), o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a capaz de depositar, passivamente conteúdos técnicos e científicos, que pouco estimulam o pensamento crítico e reflexivo.

Tanto faz para a sociedade o que está sendo produzido, contando que a produção não se volte contra o produtor. É uma lógica absurda, porém tão real. “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”. (FREIRE, 2017, p. 81). Um mero favor, para os educandos que nunca chegarão aos pés do educador ou terão chances alguma de ultrapassá-lo. Ou seja, uma sociedade opressora, egoísta e preconceituosa, que rotula a todas segundo os seus próprios interesses.

O método de “educação bancária” é bastante contraditório, e percebemos isso pelos próprios elementos que a descreve:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão do que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem

adaptar-se às determinações daquele;

j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 2017, p. 82-83).

Nesse sentido, Freire (2017) afirma que, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos.

“Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. (FREIRE, 2017, p. 95) A educação aqui se concretiza a todo momento ligando-se a realidade de cada indivíduo e sem a existência de autoridades e/ou sujeitos detentores de conhecimento. Essa concepção se encaixa nos parâmetros que devem e/ou deveriam fazer parte da Educação de Jovens e Adultos.

Como já foram mencionados anteriormente, os alunos da EJA, são indivíduos que já construíram uma história de vida, e muitas de suas deficiências, se é que podemos chamar assim, estão no fato de não terem o conhecimento escolar. Porém, isso não significa que são seres vazios de conhecimento, ou se assemelhem as crianças da educação infantil, todos nós adquirimos conhecimentos o tempo todo e em todo o lugar.

A concepção problematizadora sugerida por Freire, parte do pressuposto de que o homem é um ser histórico e acredita na historicidade dos homens. “Por isto mesmo é que os reconhece como seres que *estão sendo*, como seres inacabados, inconclusos *em e com* uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada.” (FREIRE, 2017, p.102). Enquanto existir a humanidade, também existirá a história e ela se perpetuará até o seu fim. Essa é a lei da vida e do mundo. E falando de homens, a educação não pode faltar, e é estudando a historicidade dos homens que compreendemos o ato de educar e ser educado.

“O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização. (FREIRE, 2017, p. 105) E educar não é necessariamente saber de tudo que ocorreu no passado, mas saber que determinados

acontecimentos fizeram a diferença e de uma forma ou de outra, estão presentes em nossas vidas, quer saibamos ou não, o motivo. Para Freire (2017, p. 105), “esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos”.

#### **4 Considerações Finais**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação que envolve um conjunto de aprendizagem, formais ou não formais, destinando-se seu processo de ensino-aprendizagem para indivíduos adultos, jovens e idosos que por qualquer motivo, não conseguiram concluir seus estudos na idade apropriada.

Antes de tudo, o aluno da EJA, é um sujeito formado por certo grau de vulnerabilidade, cujas condições socioeconômicas não permitiram que tivesse acesso a cultura letrada. E aí, encontra uma garantia de acesso à educação e, possivelmente, qualificação profissional.

Nesse sentido, deve-se estabelecer um diálogo entre educador-educando, contemplando uma relação de confiança entre ambos, e assim pretender a libertação do sujeito oprimido, que alcança sua autonomia restabelecendo sua autoestima e reconhecendo-se como indivíduo inserido no processo de construção de seu próprio conhecimento.

Como ressalta Freire, o educador deve ser um mediatizador do conhecimento, atento à realidade do aluno e disposto a estabelecer uma relação dialógica com o educando, de tal forma, que possibilite a formação de sujeitos pensantes e questionadores da realidade em que vivem.

#### **5 Referências**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**.